

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

JUNHO DE 1862

Nº 6

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

DISCURSO DO SR. ALLAN KARDEC

Na abertura do ano social, em 1º de abril de 1862

Senhores e caros colegas,

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas começou seu quinto ano em 1º de abril de 1862 e, temos de convir, jamais o fez sob melhores auspícios. Esse fato não tem importância somente do nosso ponto de vista pessoal, mas é característico, sobretudo, do ponto de vista da doutrina em geral, porquanto prova, de maneira evidente, a intervenção de nossas guias espirituais. Seria supérfluo lembrar a origem modesta da Sociedade, bem como as circunstâncias, de certo modo providenciais, de sua constituição, circunstâncias para as quais um Espírito eminente, então no poder e depois recolhido ao mundo dos Espíritos, nos disse ter contribuído poderosamente ele próprio.

Haveis de lembrar, senhores, que a Sociedade teve as suas vicissitudes; tinha em seu seio elementos de dissolução,

provenientes da época em que se recrutava gente muito facilmente, e sua existência chegou mesmo, em certa ocasião, a ser comprometida. Naquele momento pus em dúvida a sua utilidade real, não como simples reunião, mas como sociedade constituída. Fatigado pelas adversidades, estava resolvido a retirar-me; esperava que, uma vez livre dos entraves semeados em meu caminho, trabalharia melhor na grande obra empreendida. Fui dissuadido do meu intento por numerosas comunicações espontâneas, que me foram dadas de diferentes lugares. Entre outras, uma há, cuja substância agora me parece útil vos dar a conhecer, porque os acontecimentos justificaram as previsões. Ela estava assim concebida:

“A Sociedade formada por nós com o teu concurso é necessária; queremos que subsista e subsistirá, não obstante a má vontade de alguns, como tu o reconhecerás mais tarde. Quando existe um mal, não se cura sem crise. Assim é do pequeno ao grande: no indivíduo como nas sociedades; nas sociedades como nos povos; nos povos como o será na Humanidade. Dizemos que nossa Sociedade é necessária. Quando deixar de o ser sob a forma atual, transformar-se-á, como todas as coisas. Quanto a ti, não podes nem debes te retirar. Contudo, não pretendemos subjugar o teu livre-arbítrio; apenas dizemos que a tua retirada seria um erro que um dia lamentarias, porque entravaria os nossos desígnios..”

Desde então, dois anos se passaram e, como vedes, a Sociedade felizmente superou aquela crise passageira, cujas peripécias me foram todas assinaladas, e das quais um dos resultados foi dar-nos uma lição de experiência, que aproveitamos, além de provocar medidas que não temos senão que aplaudir. Desembaraçada das preocupações inerentes ao seu estado anterior, pôde a Sociedade prosseguir livremente os seus estudos; seus progressos também foram rápidos e ela cresceu a olhos vistos, não direi numericamente, embora seja mais numerosa do que nunca,

mas em importância. Oitenta e sete membros, participando das cotizações anuais figuraram na lista do ano que findou, sem contar os sócios honorários e correspondentes. Ter-lhe-ia sido fácil dobrar, e mesmo triplicar esse número, se ela visasse receita; bastava cercar as admissões de menos dificuldades. Ora, longe de diminuir essas dificuldades, ela as aumentou, porque, sendo uma Sociedade de estudos, não quis afastar-se dos princípios de sua instituição e porque jamais fez questão de interesses materiais. Não procurando entesourar, era-lhe indiferente ser um pouco mais, ou um pouco menos numerosa. Sua preponderância não decorre absolutamente do número de seus membros; está nas idéias que estuda, que elabora e divulga; não faz propaganda ativa; não tem agentes nem emissários; não pede a ninguém que venha a ela e, o que pode parecer extraordinário, é a essa mesma reserva que deve a sua influência. A respeito, eis o seu raciocínio: Se as idéias espíritas fossem falsas não criariam raízes, pois toda idéia falsa só tem existência passageira; mas, se são verdadeiras, prevalecerão a despeito de tudo, pela convicção; impô-las seria o pior meio de propagá-las, porque toda idéia imposta é suspeita e trai a sua fraqueza. As idéias verdadeiras devem ser aceitas pela razão e pelo bom-senso; onde elas não germinam é porque a estação ainda não é propícia; é preciso esperar e limitar-se a lançar a semente ao vento, pois, mais cedo ou mais tarde, algumas cairão em terreno menos árido.

O número de membros da Sociedade é, assim, uma questão muito secundária; porque hoje, menos que nunca, ela não poderia ter a pretensão de absorver todos os adeptos; seu objetivo, por estudos conscienciosos, feitos sem preconceitos e sem partido, é o de elucidar as várias partes da ciência espírita, pesquisar as causas dos fenômenos e recolher todas as observações, susceptíveis de esclarecer o problema tão importante, tão palpitante de interesse do estado do mundo invisível, de sua ação sobre o mundo visível e das inumeráveis conseqüências que daí resultam para a

Humanidade. Por sua posição e pela multiplicidade de suas relações, ela se acha nas mais favoráveis condições para observar bem e bastante. Seu fim é, pois, essencialmente moral e filosófico; mas o que, acima de tudo, deu crédito aos seus trabalhos é a calma, a gravidade que a eles aplica; é que aí tudo é discutido friamente, sem paixão, como devem fazer as pessoas que de boa-fé buscam esclarecer-se; é porque sabem que ela só se ocupa de coisas sérias; é, enfim, a impressão que os numerosos estrangeiros, muitas vezes oriundos de países distantes, levaram da ordem e da dignidade das sessões a que assistiram.

Assim, a linha que ela seguiu dá os seus frutos. Os princípios que professa, baseados em observações conscienciosas, hoje servem de regra à imensa maioria dos espíritas. Vistes cáferm, sucessivamente, a maioria dos sistemas que surgiram no começo e apenas alguns ainda conservam raros partidários. Isto é incontestável. Quais, então, as idéias que crescem e quais as que declinam? É uma questão de fato. A doutrina da reencarnação foi o mais controvertido dos princípios e seus adversários nada pouparam para abrir uma brecha, nem mesmo as injúrias e grosserias, supremo argumento daqueles a quem faltam boas razões. Nem por isso deixou de fazer o seu caminho, porque se apóia numa lógica inflexível; porque sem esta alavanca nós nos defrontamos com dificuldades insuperáveis; enfim, porque nada encontraram de mais racional para o substituir.

Há, entretanto, um sistema que, mais que nunca, se firma hoje: o sistema diabólico. Na impossibilidade de negar as manifestações, pretende um partido provar que são obra exclusiva do diabo. A obstinação com que defendem tal idéia revela que não estão muito convencidos de ter razão, ao passo que os espíritas não se inquietam absolutamente com essa demonstração de forças, deixando que se gastem. Nesse momento ele ataca em todos os flancos: discursos, pequenas brochuras, grossos volumes, artigos de

jornais. É um ataque geral para demonstrar o quê? Que aqueles fatos, que em nossa opinião testemunham o poder e a bondade de Deus, atestariam, ao contrário, o poder do diabo; assim, deduz-se que o diabo é mais poderoso que Deus, visto só ele poder manifestar-se. Atribuindo ao diabo tudo quanto é bom nas comunicações, retiram o bem a Deus para homenagear o demônio. Nós nos julgamos mais respeitosos para com a Divindade. Aliás, como já dissemos, os espíritas pouco se inquietam com esse motim, que terá por efeito destruir, um pouco mais cedo, o prestígio de Satã.

Sem o emprego de meios materiais, e embora restrita numericamente por sua própria vontade, a Sociedade de Paris não deixou de fazer uma propaganda considerável pela força do exemplo; a prova disto é o número incalculável de grupos espíritas que se formam pelos mesmos processos, isto é, de acordo com os princípios que ela professa; é o número de sociedades regulares que se organizam e querem colocar-se sob o seu patrocínio, existentes em várias cidades da França e do estrangeiro, na Argélia, na Itália, na Áustria, no México, etc. O que fizemos para isto? Fomos à sua procura? Solicitamos? Enviamos emissários, agentes? Absolutamente; nossos agentes são as obras. As idéias espíritas se espalham numa localidade; a princípio aí quase não ecoam; depois, pouco a pouco, ganham terreno; os adeptos sentem necessidade de se reunirem, menos para fazer experiências do que para conversar sobre um assunto que lhes interessa. Daí os milhares de grupos particulares, que podem ser chamados familiares. Destes, alguns adquirem maior importância numérica. Pedem-nos conselhos e, assim, insensivelmente se forma essa rede, que já fíncou balizas em todos os pontos do globo.

Naturalmente, senhores, cabe aqui uma observação muito importante sobre a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as reuniões ou sociedades fundadas sob os

seus auspícios, e que seria erro considerar como sucursais. A Sociedade de Paris não tem, sobre aquelas, outra autoridade senão a da experiência; mas, como já disse em outra ocasião, não se imiscui em seus negócios; seu papel limita-se a conselhos oficiais, quando solicitados. O laço que as une é, pois, puramente moral, fundamentado na simpatia e na similitude das idéias; entre elas não há *nenbuma filiação, nenbuma solidariedade material*; a única palavra de ordem é a que deve unir todos os homens: *caridade e amor ao próximo*, palavra de ordem pacífica e que não deixa margem a dúvidas.

A maior parte dos membros da Sociedade reside em Paris; entretanto, conta alguns que residem na província ou no estrangeiro e, embora só compareçam excepcionalmente, alguns jamais vieram a Paris desde a sua fundação, mas têm a honra de pertencer aos seus quadros. Além dos membros propriamente ditos, ela tem correspondentes, mas suas relações, puramente científicas, apenas objetivam mantê-la ao corrente do movimento espírita nas diversas localidades e me fornecem documentos para a história do estabelecimento do Espiritismo, cujos materiais estou a recolher. Entre os adeptos, alguns há que se distinguem pelo zelo, pela abnegação e pelo devotamento à causa do Espiritismo; que pagam pessoalmente, não em palavras, mas em ações. A Sociedade sente-se feliz por lhes dar um testemunho particular de simpatia, conferindo-lhes o título de membros honorários.

Nos últimos dois anos a Sociedade tem crescido em reputação e em importância; mas os seus progressos são assinalados pela natureza das comunicações que recebe dos Espíritos. Com efeito, de algum tempo a esta parte, suas comunicações adquiriram proporções e desenvolvimentos que superaram de muito a nossa expectativa; já não são, como outrora, breves fragmentos de moral banal, mas dissertações, nas quais as mais altas questões de filosofia são tratadas com uma amplidão e

uma profundidade que delas fazem verdadeiros discursos. Foi o que observou a maioria dos leitores da *Revista*.

Sinto-me feliz em noticiar um outro progresso, no que respeita aos médiuns. Jamais, em nenhuma outra época, os vimos tantos, participando dos nossos trabalhos, pois chegamos a ter quatorze comunicações na mesma sessão. Contudo, mais precioso que a quantidade, é a qualidade, cuja importância pode ser julgada pelas instruções que nos são dadas. Nem todos apreciam a mediunidade do mesmo ponto de vista. Uns a avaliam pelo efeito; para estes, os médiuns velozes são os mais notáveis e os melhores. Para nós, que, antes de tudo, buscamos a instrução, damos mais valor àquilo que satisfaz ao pensamento do que ao que contenta os olhos. Assim, preferimos um médium útil, com o qual aprendemos alguma coisa, a um médium admirável, com quem nada aprendemos. Sob este ponto de vista não temos por que nos lastimar e devemos agradecer aos Espíritos por terem cumprido a promessa que fizeram, de não nos deixarem desprevenidos. Querendo ampliar o círculo de seus ensinamentos, deviam multiplicar também os instrumentos.

Há, porém, um ponto ainda mais importante, sem o qual tal ensino só teria produzido alguns frutos, ou nenhum. Sabemos que os Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência e que se podem enganar; que, muitas vezes, emitem as próprias idéias, justas ou falsas; que os Espíritos superiores querem que o nosso julgamento se aperfeiçoe em discernir o verdadeiro do falso, o que é racional daquilo que é ilógico. Eis por que jamais aceitamos, seja o que for, de olhos fechados. Logo, não poderia haver ensino proveitoso sem discussão. Mas, como discutir comunicações com médiuns que não admitem a menor controvérsia, que se ofendem com uma observação crítica, com um simples comentário, e ficam contrariados quando não são aplaudidos pelas coisas que recebem, mesmo aquelas eivadas das mais grosseiras heresias científicas?

Essa pretensão não teria cabimento se aquilo que escrevem fosse produto de sua inteligência; é ridícula, desde que não passam de instrumentos passivos, pois se assemelham a um ator que se sentiria melindrado caso achássemos maus os versos que deve recitar. Não sendo seu próprio Espírito passível de magoar-se com uma crítica que não o atinge, é, por conseguinte, o Espírito comunicante que se sente ofendido e transmite ao médium a sua impressão. Por isto mesmo o Espírito trai a sua influência, porque quer impor suas idéias pela fé cega, e não pelo raciocínio; ou, o que vem a dar no mesmo, porque só ele quer raciocinar. Disso resulta que o médium, que se acha em tais disposições, está sob o império de um Espírito que merece pouca confiança, desde que exhibe mais orgulho que saber. Sabemos, também, que os Espíritos dessa categoria geralmente afastam os médiuns dos centros onde não são aceitos sem reservas.

Essa imperfeição, em médiuns assim atingidos, é um enorme obstáculo ao estudo. Se não buscássemos senão o efeito, isto não teria importância para nós; mas como buscamos a instrução, não podemos nos eximir de discutir, mesmo com o risco de desagradar aos médiuns. Como sabeis, outrora alguns se retiravam por este motivo, embora não confessado, e porque não conseguiram impor-se perante a Sociedade como médiuns exclusivos e como intérpretes infalíveis das potências celestes. Aos seus olhos, os obsedados são aqueles que não se inclinam diante de suas comunicações. Alguns levam a sua susceptibilidade a ponto de se escandalizarem com a prioridade dada à leitura das comunicações recebidas por outros médiuns. Quando é que uma comunicação é preferida à sua? Compreende-se o mal-estar imposto por tal situação. Felizmente, no interesse da ciência espírita, nem todos são assim e me apresso em aproveitar a ocasião para, em nome da Sociedade, agradecer aos que hoje nos prestam o seu concurso com tanto zelo e devotamento, sem calcular esforço nem tempo e que, não tomando partido por suas comunicações,

são os primeiros a não fugirem da controvérsia que podem provocar.

Em resumo, senhores, só nos podemos congratular pelo estado da Sociedade, do ponto de vista moral; ninguém há que não tenha observado uma notável diferença no espírito dominante, em comparação ao que era no princípio, e cada um sente instintivamente a impressão, traduzida em muitas circunstâncias por fatos positivos. É incontestável que aí reina menos mal-estar e constrangimento, enquanto se faz sentir um sentimento de mútua benevolência. Parece que os Espíritos trapalhões, vendo a sua impotência para semear a desconfiança, tomaram o sábio partido de retirar-se. Também só podemos aplaudir a feliz idéia de vários membros, de organizarem reuniões particulares em suas casas. Elas têm a vantagem de estabelecer relações mais íntimas; além disso, são centros para uma porção de pessoas que não podem vir à Sociedade. Aí podem ter uma primeira iniciação; podem fazer numerosas observações que, depois, convergem para o centro comum. Enfim, são laboratórios para a formação de médiuns. Agradeço muito sinceramente às pessoas que me honraram oferecendo a sua direção, mas isso me era materialmente impossível. Lamento mesmo muito não poder estar aí tanto quanto desejaria. Conheceis minha opinião a respeito dos grupos particulares; assim, faço votos por sua multiplicação, na Sociedade ou fora dela, em Paris ou alhures, porque são os agentes mais ativos da propaganda.

Do ponto de vista material, nosso tesoureiro vos explicou a situação da Sociedade. Sabeis perfeitamente, senhores, que o nosso orçamento é muito simples; como não procuramos capitalizar, basta que haja equilíbrio entre o ativo e o passivo.

Peçamos, pois, aos Espíritos bons e, em particular, ao nosso presidente espiritual, São Luís, que continuem a nos prestar a sua benevolente proteção, concedida tão ostensivamente até hoje

e da qual nos esforçaremos cada vez mais por nos tornarmos dignos.

Resta-me, senhores, chamar a vossa atenção para uma coisa importante. Quero falar do emprego dos *dez mil francos* que me foram enviados há cerca de dois anos por um assinante da *Revista Espírita*, que quis guardar o anonimato. Certamente vos lembrais de que esse donativo, a ser empregado no interesse do Espiritismo, foi-me entregue pessoalmente, sem formalidades especiais, sem recibo e sem que eu devesse prestar contas a quem quer que fosse.

Comunicando à Sociedade essa feliz circunstância, declarei, na sessão de 17 de fevereiro de 1860, que não pretendia prevalecer-me daquela prova de confiança e que, para minha própria satisfação, desejava que aquele fundo fosse submetido a um controle. E acrescentei: “Esta soma formará o primeiro fundo de uma *caixa especial*, sob o nome de *Caixa do Espiritismo* e que nada terá em comum com os meus negócios pessoais. Será posteriormente aumentada com as somas que lhe puderem chegar de outras fontes e destinada exclusivamente às necessidades da doutrina e ao desenvolvimento das idéias espíritas. Um de meus primeiros cuidados será suprir o que estiver faltando materialmente à Sociedade para a regularidade de seus trabalhos, e para a criação de uma *biblioteca especial*. Pedi a vários colegas que aceitassem o controle dessa caixa e verificassem, em datas que serão determinadas posteriormente, o útil emprego desse fundo.”

Essa comissão, hoje parcialmente desfeita pelas circunstâncias, será completada quando for necessário; então, todos os documentos lhe serão fornecidos. Enquanto aguardamos, e tendo em vista a absoluta liberdade que me foi concedida, julguei conveniente aplicar essa soma no desenvolvimento da Sociedade. É a vós, senhores, que julgo dever prestar contas da situação, tanto para desobrigar-me pessoalmente, quanto para a vossa edificação.

Insisto, sobretudo, para que bem se compreenda a impossibilidade material de usar esse fundo em despesas cuja urgência se faz sentir cada vez mais, em razão da própria extensão dos trabalhos que reclama o Espiritismo.

Como sabeis, senhores, a Sociedade sentia vivamente os inconvenientes de não ter um local especial para as sessões e onde seus arquivos pudessem estar à mão. Para trabalhos como os nossos é preciso, por assim dizer, um local consagrado, onde nada possa perturbar o recolhimento. Cada um deplorava a necessidade em que nos encontrávamos de nos reunirmos num estabelecimento público, em desarmonia com a seriedade de nossos estudos. Desse modo, julguei fazer uma coisa útil, proporcionando-lhe os meios de dispor de um local mais conveniente, com o auxílio dos fundos que havia recebido.

Por outro lado, o progresso do Espiritismo traz à minha casa um número cada vez maior de visitantes, nacionais e estrangeiros, número que pode ser calculado em mil e duzentos a mil e quinhentos por ano, sendo preferível recebê-los na própria sede da Sociedade, nela concentrando todos os negócios e todos os documentos relativos ao Espiritismo.

Quanto a mim, acrescentarei que, consagrando-me inteiramente à doutrina, tornava-se de certo modo necessário, para evitar perda de tempo, que aí tivesse o meu domicílio ou, pelo menos, uma pousada. Para mim pessoalmente não havia a menor necessidade, pois tenho em casa um apartamento que nada me custa, mais agradável sob todos os aspectos, e onde habito tanto quanto mo permitem minhas ocupações. Um segundo apartamento teria sido uma despesa inútil e onerosa. Assim, sem o Espiritismo, eu estaria tranqüilamente em casa, na Avenida Ségur, e não aqui, obrigado a trabalhar da manhã à noite e, muitas vezes, da noite à manhã, sem mesmo poder repousar um pouco, o que me seria bastante necessário. Sabeis que sou sozinho para dar conta de

uma tarefa cuja extensão dificilmente as pessoas imaginam, e que necessariamente aumenta com o desenvolvimento da doutrina.

Este apartamento reúne as vantagens desejáveis por suas disposições internas e sua situação central. Sem nada ter de suntuoso, é muito conveniente; mas sendo os recursos da Sociedade insuficientes para pagar o aluguel integralmente, vi-me forçado a completá-lo com os fundos da doação. Sem isto a Sociedade teria de permanecer na situação precária acanhada e incômoda em que antes se achava. Graças a esse suplemento, foi possível imprimir aos seus trabalhos desenvolvimentos prontamente acolhidos pela opinião pública, de maneira vantajosa e proveitosa para a doutrina. É, pois, o emprego passado e a destinação futura dos fundos da doação que julgo dever comunicar-vos.

O aluguel do apartamento custa 2.500 francos por ano e, com os acessórios, 2.530 francos. As contribuições perfazem 198 francos, totalizando 2.728 francos. A Sociedade paga de sua parte 1.200 francos; resta, pois, a completar, uma diferença de 1.528 francos.

O contrato foi feito por três anos, seis ou nove, a contar de 1º de abril de 1860. Calculando-o por apenas seis anos a 1.528 francos, temos 9.168 francos, ao que devemos acrescentar 900 francos para a compra de móveis e despesas de instalação; para doações e auxílios diversos, 80 francos. Total das despesas: 10.148 francos, sem contar os imprevistos, a pagar com o capital de 10.000 francos.

Portanto, no fim do contrato, isto é, daqui a quatro anos, haverá um excedente de despesa. Vedes, senhores, que não podemos desviar a menor soma, se quisermos chegar ao fim. Que faremos, então? Aquilo que Deus e os Espíritos bons quiserem, e que não me inquietasse, conforme me disseram estes últimos.

Quero frisar que a importância destinada à compra do material e às despesas de instalação não ultrapassa 900 francos, soma que gastei rigorosamente do capital. Se tivéssemos de adquirir todo o mobiliário aqui existente – refiro-me apenas às peças de recepção – haveria necessidade de três ou quatro vezes mais e, então, a Sociedade, em vez de seis anos de contrato, teria apenas três anos de aluguel. É, pois, o meu mobiliário pessoal que constitui a maior parte e que, devido ao uso, vem se desgastando severamente.

Em resumo, esta soma de 10.000 francos, que alguns julgavam inesgotável, acha-se quase inteiramente absorvida pelo aluguel que, antes de tudo, importava garantir por certo tempo, sem que tivesse sido possível desviar uma parte para outros fins, principalmente para a compra de obras antigas e modernas, francesas e estrangeiras, necessárias à formação de uma grande biblioteca espírita, como era projeto meu. Este único objetivo não teria custado menos de 3.000 a 4.000 francos.

Disso resulta que, exceto o aluguel, todas as despesas, tais como viagens e uma porção de gastos necessários ao Espiritismo, e que não chegam a menos de 2.000 francos por ano, estão pessoalmente a meu cargo, soma que não deixa de ser importante num orçamento restrito, que só se salda à custa de ordem, economia e mesmo de privações.

Não creiais, senhores, que eu queira conquistar méritos; assim agindo, sei que sirvo a uma causa, junto à qual a vida material nada é e pela qual estou pronto a sacrificar a minha. Talvez um dia eu tenha imitadores; aliás, estou bem recompensado pela visão dos resultados obtidos. Só lamento uma coisa: a exigüidade de meus recursos não me permite fazer mais. Com suficientes meios de execução, bem empregados, com ordem e em coisas verdadeiramente úteis, avançaríamos meio século no estabelecimento definitivo da doutrina.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

SR. SANSON

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862. Médiun: Sr. Leymarie.
Segunda conversa. Vide *Revista* de maio de 1862)

1. Evocação.

Resp. – Meus amigos, estou junto a vós.

2. Estamos muito felizes pela conversa que tivemos convosco no dia do vosso enterro e, já que o permitis, teremos o prazer de a completar, para nossa instrução.

Resp. – Estou pronto, feliz por pensardes em mim.

3. Tudo quanto possa esclarecer-nos sobre a situação do mundo invisível e nos fazer compreendê-lo é um grande ensinamento, porquanto é a falsa idéia que dele se faz que geralmente conduz à incredulidade. Não vos surpreendais, pois, com as perguntas que poderemos vos dirigir.

Resp. – Não me admirarei e atenderei às vossas perguntas.

4. Descrevestes com luminosa clareza a passagem da vida à morte; dissestes que no momento em que o corpo exala o último suspiro a vida se parte e a visão do Espírito se extingue. Tal momento é acompanhado por uma sensação penosa, dolorosa?

Resp. – Sem dúvida, porque a vida é uma sucessão contínua de dores e a morte é o complemento de todas as dores; daí uma ruptura violenta, como se o Espírito fosse obrigado a fazer um esforço sobre-humano para escapar de seu envoltório. Tal esforço, absorvendo todo o nosso ser, leva-nos a perder a consciência daquilo em que nos tornaremos.

Observação – Este caso não é geral. A separação pode dar-se com um certo esforço, mas prova a experiência que nem todos os Espíritos têm consciência disso, pois muitos perdem

completamente a consciência antes de expirar; as convulsões da agonia as mais das vezes são puramente físicas. O Sr. Sanson apresentou um fenômeno bastante raro: o de ser, por assim dizer, testemunha de seu último suspiro.

5. Sabeis se há Espíritos para os quais este momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, para o materialista, para quem pensa que tudo acaba para si nesse momento?

Resp. – Isto é certo, porque o Espírito preparado já esqueceu o sofrimento ou, melhor, já se acostumou a ele; a quietude com a qual vê a morte o impede de sofrer duplamente, visto saber o que o espera. O sofrimento moral é mais forte e sua ausência no instante da morte é um grande alívio. Aquele que não crê assemelha-se a um condenado à pena capital, cujo pensamento vê o cutelo e o *desconhecido*. Há semelhança entre essa morte e a do ateu.

6. Haverá materialistas bastante endurecidos para crerem seriamente que nesse momento supremo serão mergulhados no nada?

Resp. – Sem dúvida; até a última hora alguns crêem no nada. Mas no momento da separação o Espírito passa por profundas reflexões; a dúvida o subjuga e o tortura, porque a si mesmo pergunta em que se tornará; quer agarrar-se a alguma coisa, mas não consegue. A separação não se pode dar sem essa impressão.

Observação – Em outra circunstância um Espírito nos deu a seguinte descrição do fim de um incrédulo. “Nos últimos instantes o incrédulo endurecido experimenta as angústias desses pesadelos terríveis, nos quais se vê à borda de precipícios, prestes a cair no abismo; faz inúteis esforços para fugir, mas não pode andar; quer agarrar-se a qualquer coisa, prender-se a um ponto de apoio e se sente escorregando; quer chamar alguém, mas não é capaz de articular o menor som; então o moribundo se contorce, crispa as

mãos e solta gritos abafados, sinais indiscutíveis do pesadelo de que é vítima. No pesadelo ordinário o despertar vos tira da inquietude e vos sentis felizes ao reconhecer que apenas sonhastes, enquanto o pesadelo da morte muitas vezes se prolonga por muito tempo, até anos, após o traspasse; mas o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas em que algumas vezes se sente mergulhado. Chegamos mesmo a observar vários casos semelhantes, o que vem provar que essa descrição não é exagerada.

7. Dissestes que no momento da morte nada víeis, mas que pressentíeis. Compreende-se que não víeis corporalmente; mas, antes que a vida fosse extinta, já entrevíeis a claridade do mundo dos Espíritos?

Resp. – Foi o que disse antes; o instante da morte dá clarividência ao Espírito; os olhos não vêem mais, mas o Espírito, que possui uma visão bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido e a verdade lhe aparece de súbito, dando-lhe, ainda que momentaneamente, ou uma alegria profunda, ou uma pena inexprimível, conforme o estado de sua consciência e a lembrança de sua vida passada.

Observação – Trata-se do instante que precede aquele em que o Espírito perde a consciência, o que explica o emprego da palavra *momentaneamente*, porque as mesmas impressões, agradáveis ou penosas, continuam ao despertar.

8. Podeis dizer-nos o que vos surpreendeu e o que vistes no momento em que os vossos olhos se abriram à luz? Se possível, descrevei o aspecto das coisas que se vos ofereceram.

Resp. – Quando pude voltar a mim e ver o que havia diante dos meus olhos, estava como que deslumbrado e não me dava muita conta, pois a lucidez não retorna instantaneamente. Mas Deus, que me testemunhou profundamente a sua bondade, permitiu-me que recuperasse as faculdades. Vi-me cercado por numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos

vêm assistir me rodeavam e sorriam; animava-os uma felicidade sem igual e eu mesmo, forte e bem-disposto, podia sem esforço transportar-me no espaço. O que vi não tem nome na linguagem humana.

Aliás, virei falar mais amplamente de todas as minhas felicidades, sem ultrapassar, no entanto, o limite exigido por Deus. Sabei que a felicidade, tal qual a entendeis, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor e sereis preparados para as impressões que os vossos maiores poetas não poderiam descrever.

Observação – Sem dúvida os contos de fadas estão cheios de coisas absurdas; mas não corresponderiam, em alguns pontos, ao quadro do que se passa no mundo dos Espíritos? A descrição do Sr. Sanson não se parece com a do homem que, adormecido numa pobre e obscura cabana, despertasse num esplêndido palácio, em meio a uma corte brilhante?

(TERCEIRA CONVERSA – 2 DE MAIO DE 1862)³²

9. Sob que aspecto se vos apresentaram os Espíritos? Sob a forma humana?

Resp. – Sim, meu caro amigo. Os Espíritos nos haviam ensinado na Terra que conservavam no outro mundo a forma transitória que haviam tido no vosso; e é verdade. Mas, que diferença entre a máquina disforme, que se arrasta penosamente com o seu cortejo de provas, e a maravilhosa fluidez do corpo dos Espíritos! A feiúra não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão que forma o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou todos esses corpos graciosos, que se movem com toda a elegância da forma; a linguagem, para vós, tem entonações intraduzíveis e o olhar tem a profundeza de uma estrela. Procurai, pelo pensamento, ver o que Deus pode fazer na sua onipotência, Ele, o arquiteto dos arquitetos, e tereis feito uma pálida idéia da forma dos Espíritos.

32 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 529.

10. Para vós, como vedes? Reconhecei-vos com forma limitada, circunscrita, posto que fluídica? Sentis a cabeça, o tronco, os braços e as pernas?

Resp. – Tendo conservado a forma humana, mas divinizada, idealizada, o Espírito tem, incontestavelmente, todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, porque podemos, à vontade, vos aparecer e apertar vossa mão. Estou junto de vós e apertei a mão de todos os meus amigos, sem que disso tivessem tido consciência, porque nossa fluidez pode estar por toda parte, sem obstruir o espaço, sem causar nenhuma sensação, se for este o nosso desejo. Neste momento tendes as mãos cruzadas e as minhas estão nas vossas. Digo a vós outros: Eu vos amo, mas meu corpo não ocupa lugar; a luz o atravessa e, o que chamaríeis um milagre, caso se tornasse visível, para os Espíritos é uma ação ininterrupta.

A visão dos Espíritos não tem relação com a visão humana, assim como o corpo não tem semelhança real, porque tudo mudou no conjunto e no fundo. Repito que o Espírito tem uma perspicácia divina que a tudo se estende, visto poder adivinhar até mesmo os vossos pensamentos; assim pode tomar convenientemente a forma que melhor o recorde às vossas lembranças. Mas, na verdade, o Espírito superior, que terminou suas provas, prefere a forma que o conduziu a Deus.

11. Os Espíritos não têm sexo. Entretanto, como há poucos dias éreis homem, no vosso novo estado tendes de preferência a natureza masculina que a feminina? Dá-se o mesmo com um Espírito que tivesse deixado o corpo há muito tempo?

Resp. – Não nos prendemos à natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os criou por sua vontade e se, na sua visão maravilhosa, quis que os Espíritos reencarnassem na Terra, teve de estabelecer a reprodução das espécies para o macho e a fêmea. Mas pressentis, sem que haja necessidade de nenhuma explicação, que os Espíritos não podem ter sexo.

Observação – Sempre foi dito que os Espíritos não têm sexo; os sexos só são necessários para a reprodução dos corpos; como os Espíritos não se reproduzem, o sexo seria inútil para eles. Nossa pergunta não visava constatar o fato, mas, por causa da morte muito recente do Sr. Sanson, queríamos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terreno. Os Espíritos depurados se dão conta perfeitamente de sua natureza; mas entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, muitos ainda se julgam como eram na Terra, conservando as mesmas paixões e os mesmos desejos. Estes ainda se crêem homens ou mulheres e por isso alguns disseram que os Espíritos têm sexo. É assim que certas contradições provêm do estado mais ou menos adiantado dos Espíritos que se comunicam; o erro não é dos Espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundar a questão.

12. Entre os Espíritos aqui presentes vedes São Luís, o nosso presidente espiritual?

Resp. – Está sempre ao vosso lado e, quando se ausenta, deixa sempre um Espírito superior, que o substitui.

13. Não vedes outros Espíritos?

Resp. – Perdão; o Espírito de Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, Luís e outros amigos que evocais estão sempre nas vossas sessões.

14. Que aspecto vos apresenta a sessão? Com a vossa nova visão, ela se vos apresenta como a vieis em vida? As pessoas têm a mesma aparência? É tudo tão claro e tão nítido?

Resp. – Muito mais claro, porque posso ler o pensamento de todos; e me sinto muito feliz pela agradável impressão deixada pela boa vontade de todos os Espíritos reunidos. Desejo que o mesmo entendimento se faça não só em Paris, pela união de todos os grupos, mas também em toda a França, onde os grupos se separam e se invejam, impelidos por Espíritos trapalhões,

que se comprazem na desordem, ao passo que o Espiritismo deve ser o esquecimento completo, absoluto do *eu*.

15. Dissestes que ledes o nosso pensamento. Poderíeis explicar como se opera essa transmissão?

Resp. – Isto não é fácil. Para vos dizer, para vos explicar este prodígio singular da visão dos Espíritos, seria necessário vos abrir todo um arsenal de agentes novos, e seríeis tão sábios quanto nós, o que não é possível, porque vossas faculdades são limitadas pela matéria. Paciência! Tornai-vos bons e chegareis. Não tendes atualmente senão o que Deus vos concede; entretanto, com a esperança de progredir continuamente, mais tarde sereis como nós. Tratai, pois, de morrer, a fim de saber muito. A curiosidade, que é o estimulante do homem inteligente, vos conduz tranqüilamente até a morte, reservando-vos a satisfação de todas as curiosidades passadas, presentes e futuras. Enquanto esperais, eu vos direi, respondendo bem ou mal à vossa pergunta: O ar que vos envolve, impalpável como nós, leva o caráter do vosso pensamento; o sopro que exalais é, por assim dizer, a página escrita dos vossos pensamentos; elas são lidas e comentadas pelos Espíritos que se vos acotovelam incessantemente; eles são os mensageiros de uma telegrafia divina, à qual nada escapa.

16. Vedes, meu caro Sr. Sanson, que utilizamos largamente a permissão que nos destes para fazer a vossa necropsia espiritual. Não abusaremos; de outra vez, se o quiserdes, faremos perguntas de outra ordem.

Resp. – Sentir-me-ei sempre muito feliz por me tornar útil aos meus antigos colegas e ao seu digno presidente.

O Menino Jesus entre os Doutores

ÚLTIMO QUADRO DE INGRES

A Sra. Dozon, nossa colega da Sociedade, recebeu em casa, em 9 de abril de 1862, a seguinte comunicação espontânea:

“O menino Jesus encontrado por seus pais pregando no Templo, entre os doutores. (São Lucas, Natividade)”

Tal é o motivo de um quadro inspirado a um dos nossos maiores artistas. Essa obra do homem revela mais que o gênio: aí se vê brilhar aquela luz que Deus dá às almas para as esclarecer e as conduzir às regiões celestes. Sim, a religião iluminou o artista. Esse clarão foi visível? O trabalhador viu o raio partindo do céu e descendo até ele? Teria visto divinizar-se, sob seus pincéis, a cabeça do Menino-Deus? Ter-se-ia ajoelhado diante dessa obra de inspiração divina, e exclamado, como o velho São Simeão: “Senhor, deixareis morrer em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra, porque meus olhos viram o Salvador que nos dais agora e que destinais a ser exposto aos olhos de todos os povos.”

“Sim, o artista pode dizer-se servo do Senhor, porquanto acaba de executar uma ordem de sua suprema vontade. Quis Deus que no tempo em que reina o cepticismo, a multidão parasse diante dessa figura do Salvador! Mais de um coração se afastará levando uma lembrança que o conduzirá ao pé da cruz, onde essa divina criança deu a vida pela Humanidade, por vós, multidão indiferente!

“Contemplando o quadro de Ingres, a vista se afasta a duras penas para se voltar em direção a essa figura de Jesus, onde há um misto de divindade, de infância e também algo da flor; essas roupagens, essa túnica de cores leves, jovens, delicadas, lembrando o suave colorido que se balança nas hastes perfumadas. Tudo merece ser admirado na obra-prima de Ingres. Mas aí a alma gosta mais de contemplar os dois tipos adoráveis de Jesus e de sua divina Mãe. Ainda uma vez experimentamos a necessidade de a saudar por suas palavras angélicas: “Eu vos saúdo, Maria, cheia de graça.” Mas se apenas ousamos levantar o olhar artístico para essa nobre figura divinizada, tabernáculo de um Deus, esposa de um homem, virgem pela pureza, mulher predestinada às alegrias do paraíso e às agonias

da Terra, Ingres compreendeu tudo isso e não haveremos de passar diante da Mãe de Jesus sem lhe dizer: “Maria, dulcíssima virgem, em nome de vosso filho, orai por nós!” Vós o apreciareis um dia; eu vi as primeiras pinceladas sobre essa tela bendita. Vi surgirem, uma a uma, as figuras, as poses dos doutores; vi o anjo protetor de Ingres, inspirando-o, fazer cair os pergaminhos das mãos de um desses doutores. Meu Deus, aí se encontra toda uma revelação! Essa voz de criança destruirá também, uma a uma, as leis que não são suas.

“Não desejo aqui fazer arte como ex-artista. Sou um Espírito; para mim só a arte religiosa me toca. Assim, vi nesses graciosos ornamentos de cepas de vinha a alegoria da vinha de Deus, onde todos os homens devem saciar-se, dizendo a mim mesmo, com profunda alegria, que Ingres acabava de fazer amadurecer um de seus belos cachos. Sim, mestre! teu Jesus vai falar, também, diante dos doutores que negam a sua lei, diante dos que a combatem. Mas quando eles se encontrarem sós com a lembrança da Criança divina, oh! mais de um rasgará os rolos de pergaminho sobre os quais a mão de Jesus escreverá: *Erro*.

“Vede, pois, como todos os trabalhadores marcam um encontro! Uns vêm voluntariamente e por caminhos já conhecidos; outros, conduzidos pela mão de Deus, que os vai buscar em seus lugares e lhes mostra onde devem ir. Outros, ainda, sem saber onde estão, chegam atraídos pelo encanto que lhes faz semear flores de vida, para erguer o altar sobre o qual o menino Jesus ainda hoje vem para muitos, embora, sob safirinas roupagens ou sob a túnica do crucificado, seja sempre o mesmo e único Deus.”

David, pintor

Nem a Sra. Dozon nem seu marido tinham ouvido falar desse quadro. Havendo nos informado pessoalmente com alguns artistas, nenhum deles o conhecia. Começamos, então, a pensar numa mistificação. O melhor meio de dirimir a dúvida era ir

diretamente ao artista, para saber se ele havia tratado do assunto. Foi o que fez o Sr. Dozon. Entrando no ateliê, viu o quadro, acabado somente há poucos dias e, em conseqüência, desconhecido do público. Essa revelação espontânea torna-se ainda mais notável quando se considera que a descrição dada pelo Espírito é de uma exatidão perfeita. Tudo ali está: o ramo da videira, pergaminhos caídos no chão, etc. No momento o quadro se acha exposto numa sala do Boulevard des Italiens, onde fomos vê-lo e, como toda a gente, admirá-lo, pois que ele representa, indubitavelmente, uma das páginas mais sublimes da pintura moderna. Do ponto de vista da execução, é digno do grande artista que, parece-nos, nada fez de superior, apesar de seus oitenta e três anos. Mas o que dele faz uma obra-prima invulgar é o sentimento que aí domina, a expressão, o pensamento que brota de todas essas figuras, sobre as quais é possível ler a surpresa, a estupefação, a comoção, a dúvida, a necessidade de negar, a irritação por se ver abatido por uma criança. Tudo isto é tão verdadeiro, tão natural, que começamos a pôr palavras em cada boca. Quanto à criança, é de um ideal que deixa muito para trás tudo quanto já foi feito sobre o mesmo assunto. Não é um orador que fala aos seus ouvintes; nem mesmo os olha: nele adivinhamos o órgão de uma voz celeste.

Sem dúvida há o gênio em toda essa concepção, mas a inspiração é incontestável. O próprio Sr. Ingres disse que não tinha composto esse quadro em condições ordinárias; disse tê-lo começado pela arquitetura, o que não é seu costume; a seguir vinham as personagens, por assim dizer, colocar-se por si mesmas sob o seu pincel, sem premeditação de sua parte. Temos motivos para pensar que esse trabalho se liga a coisas cuja chave teremos mais tarde, mas sobre as quais devemos ainda guardar silêncio, como sobre muitas outras.

Tendo o fato acima sido relatado na Sociedade, o Espírito Lamennais ditou espontaneamente, naquela ocasião, a comunicação que se segue.

SOBRE O QUADRO DO SR. INGRES

(Sociedade Espírita de Paris, 2 de maio de 1862 – Médiun: Sr. A. Didier)

Ultimamente eu vos falava do menino Jesus entre os doutores e vos ressaltava sua iluminação divina em meio às sábias trevas dos sacerdotes judeus. Temos um exemplo a mais de que a espiritualidade e os movimentos da alma constituem a fase mais brilhante da arte. Sem conhecer a Sociedade Espírita, pode-se ser um grande artista espiritualista; em sua nova obra, Ingres não só nos mostra o estudo divino do artista, mas, também, a sua mais pura e ideal inspiração; não essa falsa idealidade que engana a tanta gente e que é uma hipocrisia da arte sem originalidade, mas a idealidade haurida na natureza simples, verdadeira e, por conseguinte, bela em toda a acepção do termo. Nós, Espíritos, aplaudimos as obras espiritualistas, assim como censuramos a glorificação dos sentimentos materiais e de mau gosto. É uma virtude sentir a beleza moral e a beleza física nesse ponto; é a marca certa de sentimentos harmoniosos, no coração e na alma; e, quando o sentimento do belo se desenvolve a esse ponto, é raro que o sentimento moral também não o seja. É um grande exemplo o desse velho de oitenta anos que, no seio de uma sociedade corrompida, representa o triunfo do espiritualismo, com o gênio sempre jovem e sempre puro da fé.

Lamennais

Assim se Escreve a História!

OS MILHÕES DO SR. ALLAN KARDEC

Fomos informados de que numa grande cidade comercial, onde o Espiritismo conta numerosos adeptos, e onde faz o maior bem entre a classe laboriosa, um sacerdote tornou-se propagandista de certo falatório, que almas caridosas se apressaram em espalhar pelas ruas e, certamente, amplificar. Conforme tal

intriga, somos milionários; em nossa casa tudo brilha e só pisamos os mais belos tapetes de Aubusson. Conheceram-nos pobre em Lyon; hoje temos carruagem de quatro cavalos e levamos em Paris uma vida principesca. Dizem que toda essa fortuna nos vem da Inglaterra, desde que nos ocupamos do Espiritismo, e remuneramos generosamente os nossos agentes na província. Vendemos caro os manuscritos de nossas obras, sobre os quais ainda ganhamos uma comissão, o que não nos impede de os vender a preços exorbitantes, etc.

Eis a resposta que demos à pessoa que nos envia tais detalhes:

“Meu caro senhor, ri muito dos milhões com que me gratifica tão generosamente o abade V..., principalmente porque estava longe de suspeitar dessa boa sorte. O relatório feito à Sociedade de Paris, antes da recepção de vossa carta, aqui publicado, infelizmente vem reduzir essa ilusão a uma realidade muito menos dourada. Aliás, não é a única inexatidão desse relato fantástico; antes de tudo, jamais morei em Lyon³³ e, pois, não vejo como lá me tivessem conhecido pobre; quanto à minha carruagem de quatro cavalos, lamento dizer que se reduz aos sendeiros de um fiacre que tomo apenas cinco ou seis vezes ao ano, por economia. É verdade que antes das estradas de ferro fiz algumas viagens em diligências; sem dúvida fizeram confusão. Mas convém não esquecer que nessa época ainda não se cogitava de Espiritismo e, segundo o abade, é ao Espiritismo que devo a minha imensa fortuna. Onde, então, pescaram tudo isto, senão no arsenal da calúnia? Seria tanto mais verossímil se se pensasse na natureza da população em cujo meio apregoam tais rumores. É de convir que faltam boas razões para se deixarem reduzir a tão ridículos expedientes a fim de desacreditar o Espiritismo. O Sr. abade não vê

33 **N. do T.:** Pesquisas recentes indicam que Allan Kardec, embora nascido em Lyon, passou sua infância em Bourg-en-Bresse, (Departamento do Ain), localizada a sessenta quilômetros daquela cidade.

que vai diretamente contra o seu objetivo, porque, dizer que o Espiritismo me enriqueceu a tal ponto é confessar que está imensamente espalhado. Se, pois, se espalhou tanto, é que agrada. Assim, aquilo que ele queria lançar contra o homem, volta-se em benefício da doutrina. Depois disto fazei alguém acreditar que uma doutrina, que em alguns anos dá milhões ao seu propagador, seja uma utopia, uma idéia oca! Tal resultado seria um verdadeiro milagre, pois não há exemplo de uma teoria filosófica que alguma vez tenha sido fonte de riqueza. Geralmente, como sucede com as invenções, come-se o pouco que se tem; seria este, mais ou menos, o meu caso, se se soubesse tudo quanto me custa a obra a que me dediquei e à qual sacrifiquei meu tempo, minhas vigílias, meu repouso e minha saúde. Contudo, tenho por princípio guardar para mim aquilo que faço e não gritar dos telhados. Para ser imparcial, o sr. abade deveria ter feito um paralelo das quantias que as comunidades e os conventos usurpam dos fiéis; quanto ao Espiritismo, mede sua influência pelo bem que faz, pelo número de aflitos que consola, e não pelo dinheiro que produz.

Se levamos uma vida principesca, deveríamos dispor, naturalmente, de uma mesa requintada. Que diria, pois, o sr. abade se visse minhas mais suntuosas refeições, nas quais recebo os amigos? Achá-las-ia muito frugais, ao lado das sóbrias refeições de certos dignitários da Igreja, que talvez as recusassem até mesmo nas mais austeras quaresmas. Dir-lhe-ei, então, já que ignora, e para lhe poupar o trabalho das comparações, que o Espiritismo não é e nem pode ser um meio de enriquecer; que repudia toda especulação de que pudesse ser objeto; que ensina a fazer pouco caso do temporal, a contentar-se com o necessário e a não procurar as alegrias do supérfluo, que não são o caminho do céu; que se todos os homens fossem espíritas, não teriam inveja, nem ciúmes, nem se espoliariam uns aos outros; não maldiriam o próximo nem o caluniariam, porque ele ensina esta máxima do Cristo: *Não façais a outrem o que não gostaríeis que vos fizessem*. É para pô-la em prática que não escrevo todas as letras do nome do sr. abade V..

Ensina ainda o Espiritismo que a fortuna é um depósito de que devemos prestar contas e que o rico será julgado conforme o emprego que dela tiver feito. Se possuísse a que me atribuem e, sobretudo, se a devesse ao Espiritismo, eu seria perjuro aos meus princípios de a empregar na satisfação do orgulho e na posse de prazeres mundanos, em lugar de a fazer servir à causa cuja defesa abracei.

Mas – perguntarão – e as vossas obras? Não vendestes caro os manuscritos? Um instante; isto é entrar no domínio privado, onde não reconheço a ninguém o direito de se imiscuir. Sempre honrei os meus negócios, não importa a que preço de sacrifícios e de privações; nada devo a quem quer que seja, enquanto muitos me devem, sem o que teria mais do dobro do que me resta; assim, ao invés de subir, desci na escala da fortuna. Não tenho, pois, de dar satisfação de meus negócios a ninguém; que isso fique bastante claro. Entretanto, para contentar um pouco os curiosos, que não se deveriam intrometer com o que não lhes diz respeito, direi que se tivesse vendido meus manuscritos apenas teria usado do direito que todo trabalhador tem de vender o produto de seu trabalho; mas não vendi nenhum; alguns até doeii, pura e simplesmente, no interesse da causa, e que são vendidos à vontade, sem que me venha um centavo. Manuscritos são vendidos caro quando se referem a obras conhecidas, de lucro previamente garantido, mas em parte alguma se encontram editores tão complacentes que paguem a peso de ouro obras cujo lucro é hipotético, quando nem mesmo querem correr o risco da impressão. Ora, a esse respeito, uma obra filosófica tem cem vezes menos valor do que certos romances vinculados a determinados nomes. Para dar uma idéia de meus imensos lucros, direi que a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, que empreendi por minha conta e risco, mesmo não tendo editor que dela quisesse encarregar-se, rendeu-me cerca de quinhentos francos, já descontadas as despesas e depois de esgotados todos os

exemplares, vendidos e doados, como posso provar documentalmente. Não sei que tipo de carruagem se poderia comprar com isto. Na impossibilidade em que me encontrei, não tendo ainda os milhões em questão, para assumir pessoalmente os gastos de todas as minhas publicações e, sobretudo, de me ocupar com a sua comercialização, cedi por algum tempo o direito de publicação, mediante um direito do autor, calculado a tantos *centavos* por exemplar vendido; assim, desconheço inteiramente os detalhes da venda e das transações que os intermediários possam fazer com as remessas feitas pelos editores aos seus correspondentes, transações de cuja responsabilidade eu declino, estando obrigado, no que me concerne, a prestar contas aos editores, mediante um valor estipulado, de todos os livros retirados, vendidos ou considerados perdidos.

Quanto ao lucro que pode advir da venda de minhas obras, não tenho que dar explicações de seu montante, nem de seu emprego. Por certo, cabe-me o direito de o utilizar como bem me aprouver; entretanto, não sabem se tal produto tem uma destinação determinada, da qual não pode ser desviado; é o que saberão mais tarde. Porque, se um dia alguém tivesse a veledade de escrever a minha história com dados semelhantes aos relatados acima, os fatos deveriam ser repostos em sua integridade. Por isso deixarei memórias circunstanciadas sobre todas as minhas relações e todos os meus negócios, sobretudo no que respeita ao Espiritismo, a fim de poupar aos cronistas futuros os equívocos em que muitas vezes caem, por terem confiado nos boatos dos dodivanas, das más-línguas e das pessoas interessadas em deturpar a verdade, às quais deixo o prazer de deblaterar à vontade, para que mais tarde se torne mais evidente a sua má-fé.

Pessoalmente eu me inquietaria muito pouco se, doravante, meu nome não estivesse ligado intimamente à história do Espiritismo. Por minhas relações, naturalmente possuo a respeito os mais numerosos e autênticos documentos que existem;

pude acompanhar a doutrina em todo o seu desenvolvimento, observar-lhe todas as peripécias, como lhe prever as conseqüências. Para todo homem que estuda esse movimento, torna-se evidente que o Espiritismo marcará uma das fases da Humanidade. É, pois, necessário que, mais tarde, se saiba quais as vicissitudes que teve de atravessar, os obstáculos que encontrou, os inimigos que procuraram travar-lhe a marcha, as armas de que se serviram para o combater. Não menos importante é saber por que meios pôde triunfar; quais as pessoas que, por seu zelo, devotamento e abnegação terão contribuído eficazmente para a sua propagação; aqueles cujos nomes e atos merecerão ser assinalados para o reconhecimento da posteridade, e que tomo como dever inscrever nas minhas fichas. Compreende-se que essa história não pode aparecer tão cedo; o Espiritismo apenas acaba de nascer e as fases mais interessantes de seu estabelecimento ainda não foram concluídas. Aliás, poderá acontecer que, entre os Saulos do Espiritismo de hoje, mais tarde surjam São Paulos; esperemos não ter de registrar os Judas.

Tais são, meu caro senhor, as reflexões sugeridas pelos estranhos rumores que me chegaram. Se os refutei, não foi pelos espíritas de vossa cidade, que me conhecem muito bem e que teriam podido julgar-me quanto os visitei, se em mim houvessem percebido gostos e atitudes de um grão-senhor. Faço-o em atenção aos que não me conhecem e que poderiam ser induzidos em erro por essa maneira mais que leviana de fazer a história. Se o sr. abade V... não tem em vista senão dizer a verdade, estou pronto a lhe fornecer verbalmente todas as explicações necessárias ao seu esclarecimento.

Todo vosso,

Allan Kardec

Sociedade Espírita de Viena, Áustria

Anunciando que uma edição alemã de nossa brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples* tinha sido publicada em Viena, falamos da Sociedade Espírita dessa cidade. Recebemos do presidente daquela Sociedade a seguinte carta:

“Senhor Allan Kardec,

“A Sociedade Espírita de Viena encarrega-me de vos comunicar que acaba de vos nomear seu presidente de honra, pedindo que aceiteis esse título como penhor de elevada e respeitosa estima que vos dedica. Desnecessário acrescentar, senhor, que servindo aqui de instrumento, não faço senão obedecer a um impulso do coração, que vos é inteiramente dedicado.

“Permiti-me, senhor, sem abusar de vosso precioso tempo, aditar algumas palavras relativas à nossa Sociedade. Ela acaba de entrar em seu terceiro ano e, embora muito restrito ainda seja o seu número de associados, posso dizer com satisfação que, no círculo privado em que ainda se move, faz proporcionalmente muito bem; e tenho esperança que, ao chegar o momento de ampliar o seu campo de atividade, ela produzirá frutos mais abundantes: é o meu mais vivo desejo. No ano passado, por ocasião do primeiro aniversário, dizia-me o nosso Espírito protetor em seu profundo e majestoso laconismo: *Semeastes a boa semente; eu vos abençôo*. Este ano me disse: *Eis a máxima para o ano que vai começar: Com Deus e para Deus*. O ano passado foi uma recompensa para o que passou; este ano é um encorajamento para o futuro. Assim, preparei-me para empregar meios mais diretos para agir sobre a opinião pública. Primeiramente, a tradução da vossa excelente brochura não terá deixado de preparar o terreno; depois, pensei na publicação de um jornal em alemão como meio mais seguro de apressar os resultados. Material não me faltará, sobretudo se permitirdes que algumas vezes eu o possa extrair dos tesouros

encerrados em vossa *Revista*, onde, naturalmente, tomarei sempre como dever sagrado indicar a fonte das passagens e os trechos que tiver traduzido. Enfim, para coroar a obra, gostaria de pôr à disposição dos alemães o vosso precioso e indispensável *O Livro dos Espíritos*. Assim, senhor, e sem temer vos importunar, pois estou persuadido de que todo pensamento do bem corresponde ao vosso próprio pensamento, venho pedir-vos que, se ninguém ainda obteve esse favor, que me permitais fazer a sua tradução em língua alemã.

“Acabo de vos expor, senhor, os projetos que medito, a fim de dar um impulso maior à propagação do Espiritismo entre nós. Seria ousadia de minha parte dirigir-me à vossa benévola experiência para receber alguns conselhos salutareos que, não o duvideis, terão grande peso na decisão que hei de tomar?”

“Recebei, etc.

C. Delhez”

Esta carta fez-se acompanhar do seguinte diploma:

SOCIEDADE ESPÍRITA, DITA DA CARIDADE, DE VIENA (ÁUSTRIA)

SESSÃO DE ANIVERSÁRIO – 18 DE MAIO DE 1862.

“Em nome de Deus Todo-Poderoso e sob a proteção do Espírito divino,

“A Sociedade Espírita de Viena, ao ensejo de seu segundo aniversário, querendo testemunhar à sua primogênita de Paris, na pessoa de seu digno e corajoso presidente, a deferência e o reconhecimento que lhe inspiram seus constantes esforços e seus preciosos trabalhos pela santa causa do Espiritismo e pelo triunfo da fraternidade universal, por proposta de seu presidente e com a aprovação de seus conselheiros espirituais, nomeou, por aclamação, o Sr. *Allan Kardec*, presidente da Sociedade de Estudos Espíritas de

Paris, com o título de *Presidente de Honra* da Sociedade Espírita, dita da Caridade, de Viena, Áustria.

“Viena, 19 de maio de 1862.

“O Presidente,
C. Delhez”

Atendendo a insistentes pedidos, sentimo-nos no dever de publicar textualmente as duas peças acima, como testemunho de nossa profunda gratidão pela honra que nos fazem nossos irmãos espíritas de Viena, honra que estávamos longe de esperar, porque nela vemos não uma homenagem à nossa pessoa, mas aos princípios regeneradores do Espiritismo. É uma nova prova do crédito que tais princípios adquirem, tanto no estrangeiro quanto na França. Pondo de lado o que as cartas têm de lisonjeiro para nós, o que nos causa viva satisfação é, sobretudo, ver a finalidade eminentemente séria, religiosa e humanitária que se propõe a Sociedade Espírita de Viena, à qual o nosso concurso e o nosso devotamento não faltarão. Outro tanto podemos dizer de todas as sociedades que se formam em vários pontos e que aceitam, sem restrição, os princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*.

Entre as que se organizaram ultimamente, devemos citar a *Sociedade Africana de Estudos Espíritas*, de Constantina, que houve por bem se colocar sob o nosso patrocínio e o da Sociedade de Paris, e que já conta cerca de quarenta membros. Teremos ocasião de voltar ao assunto com mais detalhes.

À vista desse movimento geral e do incessante crescimento da opinião, os adversários do Espiritismo compreenderão, enfim, que qualquer tentativa para o deter seria inútil e o que melhor têm a fazer é aceitá-lo, considerando-o, doravante, como um fato consumado. A arma do ridículo se esgotou em vãos esforços, tornando-se, assim, impotente; a doutrina do diabo que,

neste momento, buscam restaurar com obstinação, será mais feliz? A resposta está, por completo, no efeito que produz: causa riso. Para isso, seria necessário que aqueles que a propagam dela estivessem convencidos. Ora, podemos afirmar com segurança que, em seu número, muitos não o acreditam absolutamente. É uma última arrancada, cujo resultado será apressar a propagação das idéias novas, primeiro porque as torna conhecidas, excitando a curiosidade e, depois, porque prova a escassez de argumentos realmente sérios.

Princípio Vital das Sociedades Espíritas

Senhor,

Na *Revista Espírita* do mês de abril de 1862 vejo uma comunicação assinada por Gérard de Codemberg, na qual observei a seguinte passagem: “Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças. Ao contrário, agi de maneira que não mais se misturem ao rebanho dos verdadeiros crentes, porquanto são ovelhas sarnentas e deveis evitar o contágio.”

A respeito das ovelhas sarnentas achei tal maneira de ver pouco cristã, ainda menos espírita e completamente fora dessa caridade para com todos, que pregam os Espíritos. Não se preocupar com os irmãos que se afastam e guardar-se contra o seu contágio não é o meio de os reconquistar. Parece-me que, até o presente, nossos bons guias espirituais têm mostrado mais mansuetude. Esse Gérard de Codemberg será um Espírito bom? Se é ele, eu o duvido. Perdoai-me essa espécie de controle que acabo de fazer, pois tem um objetivo sério. Uma de minhas amigas, espírita noviça, acaba de ler aquele número; detendo-se naquelas linhas, não encontrou a caridade que até agora observou nas comunicações. A respeito consultei o meu guia e eis o que ele respondeu: “Não, minha filha, um Espírito elevado não se serve de

semelhantes expressões; deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem e reconhecei sempre o valor das comunicações pelo valor das palavras e, sobretudo, pelo valor dos pensamentos.”

(Segue-se a comunicação de um Espírito que se supõe ter tomado o lugar de Gérard de Codemberg.)

Onde está a verdade? Somente vós podeis sabê-lo.

Recebei, etc.

E. Collignon

Resposta – Em Gérard de Codemberg nada prova que seja um Espírito muito adiantado; a obra que publicou, sob o império de evidente obsessão, com a qual ele mesmo concorda, o demonstra sobejamente. Por pouco evoluído que fosse, um Espírito não poderia enganar-se a tal ponto quanto ao valor das revelações que obteve em vida, como médium, nem aceitar como sublimes coisas evidentemente absurdas. Devemos, por isso, concluir que seja um Espírito mau? Certamente não; sua conduta durante a vida e sua linguagem depois da morte são a prova; está na categoria numerosa dos Espíritos inteligentes, bons, mas não suficientemente superiores para dominarem os Espíritos obsessores, que dele abusaram, pois não os soube reconhecer.

Isto no que respeita ao Espírito. A questão não é saber se é mais ou menos adiantado, mas se o conselho que dá é bom ou mau. Ora, insisto que não há reunião espírita séria sem homogeneidade. Onde quer que haja divergência de opinião, há a tendência para fazer prevalecer a sua, o desejo de impor suas idéias ou sua vontade; daí as discussões, as dissensões, depois a dissolução; isto é inevitável e acontece em todas as sociedades, seja qual for o seu objetivo, onde cada um quer marchar por vias diferentes. O que é necessário nas outras religiões ainda mais o é nas reuniões espíritas sérias, na qual a primeira condição é a calma e o recolhimento, impossíveis com discussões que fazem perder

tempo em coisas inúteis; é então que os Espíritos bons se vão, deixando o campo livre aos Espíritos perturbadores. Eis por que os pequenos comitês são preferíveis; a homogeneidade de princípios, de gostos, de caráter e de hábitos, condição essencial da boa harmonia, aí é bem mais fácil de obter que nas grandes assembléias.

O que Gérard de Codemberg chama ovelhas sarnentas não são as pessoas que, de boa-fé, procuram esclarecer-se quanto às dificuldades da ciência ou sobre aquilo que não compreendem, por uma discussão pacífica, moderada e conveniente, mas as que vêm com idéias preconcebidas de oposição sistemática, que levantam discussões inoportunas a torto e a direito, capazes de perturbarem os trabalhos. Quando o Espírito diz que é preciso afastá-las, tem razão, porque a existência da reunião está ligada a isto; ainda tem razão ao dizer que *não se devem inquietar*, porque a sua opinião pessoal, se falsa, não impedirá que a verdade prevaleça; o sentido dessa palavra é que não deve causar inquietação a sua oposição. Em segundo lugar, se aquele que tem uma diferente maneira de ver a considera melhor que a dos outros; se o satisfaz, se nela se obstina, por que o contrariar? O Espiritismo não se impõe; deve ser aceito livremente e de boa vontade; não deseja nenhuma conversão pelo constrangimento. A experiência, aliás, aí está para provar que não é insistindo que lhe farão mudar de opinião. Com aquele que de boa-fé procura a luz, é preciso ser todo devotamento e nada se deve poupar: é zelo bem empregado e frutuoso; com aquele que não a quer ou que pensa tê-la, é perder tempo e semear sobre pedras. A expressão *não se devem inquietar* ainda pode ser entendida no sentido de que não se deve atormentá-lo nem violentar as suas convicções; agir assim, não é faltar à caridade. Esperam trazê-lo a idéias mais sãs? Que o façam em particular, pela persuasão, admite-se; mas se deve ser uma causa de perturbação para a reunião, conservá-lo não seria dar-lhe provas de caridade, pois isto de nada lhe adiantaria, enquanto seria uma falta para com os demais.

O Espírito Gérard de Codenberg diz claramente, e talvez um pouco cruamente a sua opinião, sem preocupações oratórias, sem dúvida contando com o bom-senso daqueles a quem se dirige para suavizá-la na explicação, observando o que prescrevem ao mesmo tempo a urbanidade e as conveniências; mas, salvo a forma da linguagem, o fundo do pensamento é idêntico ao que se acha na comunicação referida a seguir, sob o título *O Espiritismo Filosófico*, recebida pela mesma pessoa que levantou a questão. Aí se lê o seguinte: “Examinai bem em vosso redor se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se os encontrardes, rogai-lhes com doçura, com caridade, que se retirem. Se resistirem, contentai-vos em orar com fervor para que o Senhor os esclareça e, de outra vez, *não os admitais em vossos trabalhos*. Não recebais em vosso meio senão os homens simples, que querem buscar a verdade e o progresso.” Isto é, em outros termos, desembaraçar-vos polidamente dos que vos entavam.

Nas reuniões livres, onde se é livre para receber quem se quer, isto é mais fácil que nas sociedades constituídas, onde os sócios estão ligados e têm voto na matéria. Assim, nunca seriam tomadas bastantes precauções se não se quisesse ser contrariado. O sistema de *associados livres*, adotado pela Sociedade de Paris, é o mais adequado para prevenir os inconvenientes, pois só admite os candidatos a título provisório e sem voz ativa nos negócios da Sociedade, durante um tempo que permite se observe o seu zelo, seu devotamento e seu espírito de conciliação. O essencial é formar um núcleo de fundadores titulares, unidos por uma *perfeita comunhão* de vistas, de opiniões e de sentimentos e estabelecer regras precisas às quais forçosamente devem submeter-se os que, mais tarde, quiserem aí se reunir. A respeito, pedimos que se reportem ao regulamento da Sociedade de Paris e às instruções que demos sobre o assunto. Nosso mais caro desejo é o de ver reinarem a união e a harmonia entre os grupos e sociedades que se formam de todos os lados. Eis por que consideramos sempre um dever ajudar com conselhos de nossa experiência os que julgarem um

dever aproveitá-los. No momento nós nos limitamos a dizer: Sem homogeneidade, não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união, não há estabilidade; sem estabilidade, não há calma; sem calma, não há trabalhos sérios. De onde concluímos que a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita. É o que disseram com razão Gérard de Codemberg e Bernardin; quanto ao Espírito que foi tomado como substituto do primeiro, sua comunicação apresenta todos os caracteres de uma comunicação apócrifa.

Ensinos e Dissertações Espíritas

O ESPIRITISMO FILOSÓFICO

(Bordeaux, 4 de abril de 1862 – Médiun: Sra. Collignon)

Meus amigos, falamos do Espiritismo do ponto de vista religioso; agora que está bem estabelecido que *ele não é uma religião nova*, mas a consagração dessa religião *universal* cujas bases lançou o Cristo, e que hoje vem levar ao coroamento, vamos encarar o Espiritismo do ponto de vista moral e filosófico.

Antes de mais, expliquemo-nos quanto ao exato sentido da palavra filosofia. A filosofia não é uma negação das leis estabelecidas pela divindade, da religião. Longe disto, a filosofia é a busca do que é sábio, do que é o mais exatamente razoável. E o que pode ser mais sábio, mais razoável que o amor e o reconhecimento que se deve ao seu Criador e, conseqüentemente, o culto, seja qual for, que pode servir para lhe provar esse reconhecimento e esse amor? A religião, e tudo quanto a ela vos pode levar é, pois, uma filosofia, porque é uma sabedoria do homem que a ela se submete com alegria e docilidade. Feitos esses reparos, vejamos o que podeis tirar do Espiritismo, posto em prática seriamente.

Qual o fim para onde tendem todos os homens, seja qual for a posição em que se encontrem? O melhoramento de sua

posição presente. Ora, para o conseguir, correm para todos os lados e se extraviam na maior parte, porque, enceguedidos pelo orgulho, arrastados pela ambição, não vêem a única rota que pode conduzir a esse melhoramento; buscam-na na satisfação do orgulho, de seus instintos brutais, de sua ambição, ao passo que só poderão encontrá-la no amor e na submissão devidos ao Criador.

O Espiritismo vem, pois, dizer aos homens: Deixai esses atalhos tenebrosos, cheios de precipícios, cercados de espinhos e urzes e entrai no caminho que leva à felicidade que sonhais. Sede prudentes, a fim de serdes felizes; compreendei, meus amigos, que para os homens os bens da Terra não passam de emboscadas, que devem evitar. Eis por que finalmente o Senhor permitiu vísseis a luz desse farol, que deve vos conduzir ao porto. As dores e os males que sofreis com impaciência e revolta são o ferro em brasa que o cirurgião aplica sobre a ferida aberta, a fim de impedir a gangrena de perder todo o corpo. Vosso corpo, meus amigos, o que representa para o Espírito? que deve ele salvar? que deve preservar do contágio? que deve cicatrizar, por todos os meios possíveis, senão a chaga que rói o Espírito, a enfermidade que o entrava e o impede de lançar-se radioso para o seu Criador?

Voltai sempre os olhos para este pensamento filosófico, isto é, cheio de sabedoria: Somos uma essência criada pura, mas decaída; pertencemos a uma pátria onde tudo é pureza; culpados, fomos exilados por algum tempo, mas só por algum tempo. Empreguemos, pois, todas as nossas forças, todas as energias em diminuir o tempo de exílio; esforcemo-nos por todos os meios que o Senhor pôs à nossa disposição para reconquistar essa pátria perdida e abreviar o tempo de ausência. (Vide o número de janeiro de 1862: *Doutrina dos anjos decaídos*.)

Compreendei bem que vossa sorte futura está em vossas mãos; que a duração de vossas provas depende inteiramente de vós; que o mártir tem sempre direito à palma da vitória e que,

para ser mártir, não é necessário, como aconteceu com os primeiros cristãos, servir de pasto aos animais ferozes. Sede mártires de vós mesmos; quebrai, aniquilai em vós todos os instintos carnis que se revoltam contra o Espírito; estudaí com cuidado as vossas inclinações, os vossos gostos, as vossas idéias; desconfiai de tudo quanto a vossa consciência reprova. Por mais baixo que ela vos fale, porque muitas vezes pode ser repelida; por mais baixo que ela vos fale, essa voz do vosso protetor vos dirá que eviteis o que vos pode prejudicar. Em todos os tempos a voz do vosso anjo-da-guarda vos falou, mas quantos ficaram surdos! Hoje, meus amigos, o Espiritismo vem explicar-vos a causa dessa voz íntima; vem dizer positivamente, vem vos mostrar, fazer tocar com o dedo aquilo que podeis esperar se a escutardes docilmente; aquilo que deveis temer se a rejeitardes.

Eis, meus amigos, para o homem em geral, o lado filosófico: a vós compete salvar-vos a vós mesmos. Meus filhos: não procureis distrações materiais nem satisfação à curiosidade, como fazem os ignorantes. Não chameis a vós, sob o menor pretexto, Espíritos dos quais não tendes a mínima necessidade; contentai-vos em vos entregardes sempre aos cuidados e ao amor de vossos guias espirituais; eles jamais vos faltarão. Quando vos reunirdes num objetivo comum, qual seja o melhoramento de vossa Humanidade, elevai o coração ao Senhor, mesmo que seja para lhe pedir suas bênçãos e a assistência dos Espíritos bons, aos quais vos confiou. Examinai bem em vosso redor se não há falsos irmãos, curiosos, incrédulos. Se os encontrardes, rogai-lhes com doçura, com caridade, que se retirem. Se resistirem, contentai-vos em orar com fervor para que o Senhor os esclareça e, de outra vez, não os admitais em vossos trabalhos. Não recebais em vosso meio senão os homens simples, que querem buscar a verdade e o progresso. Quando estiverdes certos de que vossos irmãos se acham reunidos em presença do Senhor, chamai os vossos guias e pedi-lhes instruções; eles vo-las darão sempre, proporcionadas às vossas necessidades, à vossa inteligência; mas não busqueis satisfazer a

curiosidade da maioria dos que pedem evocações. Quase sempre saem menos convencidos e mais dispostos à zombaria.

Aqueles que desejam evocar seus parentes e amigos não o façam jamais senão com um objetivo de utilidade e de caridade; é um ato sério, muito sério, chamar os Espíritos que erram em redor de vós. Se não trouxerdes a fé e o recolhimento necessários, os Espíritos maus tomarão o lugar daqueles que esperais, enganar-vos-ão e vos farão cair em erros profundos e algumas vezes vos arrastarão em quedas terríveis!

Não esqueçais, pois, meus amigos, que o Espiritismo é a confirmação do Cristianismo, porque o Cristianismo entra completamente nestas palavras: Amar ao Senhor sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo.

Sob o ponto de vista filosófico, é a linha de conduta reta e sábia que vos deve conduzir à felicidade que todos ambicionais; e esta linha vos é traçada partindo de um ponto seguro, demonstrado: a imortalidade da alma, para chegar a outro ponto que ninguém pode negar: Deus!

Eis, meus amigos, o que vos tenho a dizer por hoje. Em breve continuaremos nossas conversas íntimas.

Bernardin

Observação – Esta comunicação faz parte de uma série de ditados sob o mesmo título: *O Espiritismo para todos*, marcadas todos eles pelo mesmo cunho de profundidade e de simplicidade paternal. Como nem todas podem ser publicadas na *Revista*, farão parte das coletâneas especiais que preparamos. Dá-se o mesmo com as que nos são dirigidas por outros médiuns de Bordeaux e de outras cidades. Essas publicações serão tanto mais úteis quanto feitas com ordem e método, e tanto mais produziriam um efeito contrário quanto mais o fossem sem discernimento e sem escolha. Há comunicações que são excelentes para a intimidade, mas que

seriam inconvenientes se tornadas públicas. Outras, para serem compreendidas e não darem lugar a falsas interpretações necessitam de comentários e de desenvolvimentos. Nas comunicações muitas vezes é preciso fazer a parte da opinião pessoal do Espírito que fala, e que, se não for muito adiantado, pode formar dos homens e das coisas idéias e sistemas nem sempre justos. Publicadas sem corretivo, essas idéias falsas apenas lançarão descrédito sobre o Espiritismo, fornecerão armas aos seus inimigos e semearão a dúvida e a incerteza entre os neófitos. Com os comentários e as explicações dados a propósito, o próprio mal por vezes se torna instrutivo. Sem isto poderiam responsabilizar a doutrina por todas as utopias enunciadas por certos Espíritos mais orgulhosos que lógicos. Se o Espiritismo pudesse ser retardado em sua marcha, não seria pelos ataques abertos de seus inimigos declarados, mas pelo zelo irrefletido dos amigos imprudentes. Não se trata, pois, de fazer coletâneas indigestas, onde tudo se acha amontoado confusamente e cujo menor inconveniente seria aborrecer o leitor; é preciso evitar com cuidado tudo quanto possa falsear a opinião sobre o Espiritismo. Ora, tudo isto exige um trabalho que justifica a demora de tais publicações.

Um Espírita Apócrifo na Rússia

O príncipe D... K... nos envia da Rússia um prospecto em língua russa, começando por esta frase: “Obouan Bruné, célebre mágico, magnetizador, *membro da Sociedade Espírita de Paris*, terá a honra de dar, como foi anunciado, um sarau fantástico, no teatro desta cidade, em 17 de abril de 1862.” Segue uma longa lista das escamoteações que o tal Bruné se propõe fazer. Pensamos que o bom senso dos numerosos adeptos que conta o Espiritismo na Rússia terá feito justiça a essa grosseira impostura. A Sociedade Espírita de Paris não conhece esse indivíduo que, na França, teria sido processado por se atribuir uma falsa qualidade.

Allan Kardec

